

JORGE POZZOBON

[*“vocês, brancos, não têm alma”*
histórias de fronteira]

COEDIÇÃO

a azougue
editorial



2013 | 2ª EDIÇÃO

VOCÊS, BRANCOS, NÃO TÊM ALMA*

Beré e eu procurávamos ansiosos por um trecho seco de floresta nas margens inundadas do rio Marié, quando a silhueta negra de uma colina apareceu de repente contra o pôr do sol. Desliguei logo o motor do meu bote. Só Deus sabia se encontraríamos outro lugar alto para passar a noite. Uma grande tormenta se aproximava. Levantamos às pressas um abrigo de folhas de palmeira, pouco antes do aguaceiro desabar. Atamos nossas redes, pulamos para dentro e caímos no sono, tentando esquecer a fome e os grossos pingos de chuva que vazavam o teto do nosso abrigo desajeitado.

Este era o nono dia de uma incursão nas cabeceiras inexploradas do Marié, onde eu esperava encontrar o chamado Povo da Zarabatana, um grupo Maku que supostamente vivia nessa área, em total isolamento de qualquer contato com os brancos ou mesmo com outros índios.

Nos últimos dias, vínhamos comendo apenas formigas, cupins e larvas, uma vez que durante o pico mais alto do período chuvoso – como era o caso naquele tenebroso julho de 1982 – o peixe tende a se dispersar muito dentro da floresta inundada e os animais selvagens

* Publicado originalmente sob o título *You white people have no soul (the anthropologist as a patient in a healing process by a Tukano shaman)*, em *Zeitschrift Leipziger Museum für Völkerkunde*, vol. XLVII: 365-373. Leipzig, 1997.

raramente aparecem para o caçador faminto que ousa se aventurar em terras desconhecidas, como essa que estávamos explorando. O Marié corre em uma planície chata, inundando enormes trechos de margem durante a estação das chuvas. A caça é naturalmente rara nesse tipo de paisagem. E não há lugares secos para plantar mandioca. Por isso, não existem índios ou outros moradores ao longo de seu extenso curso em direção ao rio Negro, exceto pelas três aldeias Tukano perto da embocadura, onde as margens são altas, e talvez o Povo da Zarabatana na região das cabeceiras.

De acordo com minhas estimativas, nós devíamos estar agora chegando perto do destino. Esse barranco alto onde levantamos o abrigo podia muito bem ser o início de um trecho de terra firme, onde eu esperava achar o que estava procurando.

Na barra do dia seguinte, enquanto eu pensava em silêncio sobre essas coisas, debaixo daquele abrigo cheio de goteiras, Beré se levantou da rede como se ouvisse algo. E logo começou a imitar gritos de macaco barrigudo através de uma corneta improvisada com folhas de parasitas. De repente, os macacos despontaram no dossel da floresta, a uns 30 metros acima das nossas cabeças. Peguei meu rifle e atirei em um deles. Mas como eu estava demasiado ansioso por um pedaço de carne quente nas entranhas, atirei de um ângulo precário e atingi apenas uma das pernas do animal. Ele fugiu junto com os outros, pulando de galho em galho, com a perna quebrada sangrando e balançando solta – uma visão bem lamentável aquela, do café da manhã sumindo para morrer em vão.

“Isso é ruim”, disse o meu parceiro. “*Boraró* não gosta quanto isso acontece”. *Boraró* é o nome Tukano para uma entidade sobrenatural que se acredita proteger e multiplicar os animais de caça. Ele é descrito como um humanoide alto e peludo, com garras afiadas e presas enormes. Está sempre de mau-humor e costuma atacar as pessoas com dardos invisíveis, causadores de doenças graves. Para evitar esses ataques, o caçador tem de oferecer algo em troca dos animais que

abate. Os índios Maku dizem que basta jogar os pelos ou as penas de suas vítimas na floresta enquanto murmuram fórmulas mágicas evocativas, para que *Boraró* possa fazer um novo animal com os restos mortais do outro. Mas segundo os Tukano, é preciso ofertar-lhe almas humanas.

Logo após um desjejum frugal – larvas com alguns punhados de farinha de mandioca – começamos a inspecionar aquele trecho de terra firme na margem esquerda do Marié, procurando trilhas, velhos abrigos ou qualquer traço de presença humana. Em poucos minutos de caminhada, achamos uma velha trilha que ia para o norte, afastando-se do rio. Não havia sinal de golpes de facão ao longo dela. Fora aberta inteiramente a mão. Isso era um sinal claro da presença de índios isolados, já que os grupos indígenas em contato regular com os brancos usam facões para abrir e manter suas trilhas.

Quando se cortam árvores novas da floresta tropical a golpes de facão, elas secam e morrem. Mas se forem apenas quebradas com a mão em vez de decepadas por completo, elas formam um nó no lugar quebrado e continuam crescendo. Os índios sabem dizer a idade de um caminho aberto à mão pela altura das arvorezinhas do chão até o nó. A trilha em que estávamos devia ter aproximadamente um ano de idade.

Caminhamos sem parar ao longo dessa trilha até o começo da tarde. Então, ela descambou em um declive acentuado, desaparecendo abruptamente em um enorme pântano. Era o fim da terra firme. Estávamos outra vez no nível do rio. Convenci meu parceiro a caminhar mais algumas horas no pântano, tomando a direção geral indicada pela trilha. Mas nenhum de nós podia suportar tal esforço, famintos e cansados como estávamos. Voltamos sobre os nossos passos e construímos um novo abrigo na orla do pântano.

Ao pôr do sol, enquanto uma tempestade se aproximava, fiquei deitado na rede, pensando sobre o meu trabalho. Eu já havia feito

seis meses de pesquisa de campo entre os índios Maku do rio Tiquiê, sobre os quais eu escrevia a dissertação de mestrado. Comparando aos Tukano, esses Maku estavam razoavelmente isolados do mundo dos brancos, mas aos vinte e seis anos de idade isso me parecia insuficiente. Queria ser o primeiro branco a fazer contato com os Maku da Zarabatana, os últimos índios em total isolamento na região do Rio Negro. Sendo assim, comprei um bote motorizado e entrei no Marié. Mas logo percebi que seria uma tolice viajar sozinho naquele vasto trecho de floresta. Então, parei na última aldeia Tukano e perguntei aos habitantes se algum deles se dispunha a me acompanhar até cabeceiras mediante um pagamento razoável.

Um homem branco saiu de uma palhoça e afirmou que nenhum dos habitantes podia me acompanhar, uma vez que todos lhe deviam trabalho. Na verdade, trata-se de uma forma disfarçada de escravidão. Comerciantes brancos como aquele costumam oferecer cachaça, remédios e outras mercadorias aos índios em troca de látex, cipós, peles de onça, peixes raros e outros produtos da floresta. Uma vez que os índios não entendem o valor monetário das coisas, os comerciantes os enganam o tempo todo, dizendo que eles não produzem o suficiente para saldar as dívidas. E se eles reagem, os comerciantes cortam o suprimento de cachaça e remédios. Os índios quase sempre se rendem.

Diante da negativa, eu insisti, dizendo não poder viajar sozinho às nascentes do Marié. O comerciante retrucou impassível:

– Você me paga a dívida de um desses caboclos e ele fica sendo seu.

– Mas qual?, eu perguntei perplexo.

– A escolha é sua, companheiro, disse o comerciante com um sorriso malévolo. Tive a impressão de que ele debochava do meu embaraço moral por ter de comprar um ser humano.

Fazia muito calor. Pulei n'água, em frente ao porto da aldeia, mas esqueci de tirar os óculos. Eles foram ao fundo. Quando emergi,

praguejando tê-los perdido, os índios que estavam por perto mergulharam. Escolhi o índio que achou meus óculos.

– Cem dólares, disse o comerciante.

Eu paguei. E agora, lá estava ele comigo, nos confins de um trecho de floresta que nunca visitaria se eu não lhe tivesse pago a dívida. O curioso é que se obstinava em uma atitude servil, apesar de eu ter dito várias vezes que não me devia nada e que seria pago pelos serviços que me prestava. Enquanto a chuva caía sobre o nosso abrigo na orla do pântano, eu me perguntava por que ele ainda mantinha aquela atitude. Talvez eu devesse lhe dar a chance de me pagar com algo para ele mais valioso do que o simples trabalho braçal. O que poderia ser?

Eu estava adormecendo quando o primeiro estrondo reverberou nas sombras da noite, vindo de dentro do pântano. Ao segundo estrondo, bem mais alto que o primeiro, Beré reavivava o fogo com o medo estampado na cara, e murmurava fórmulas rápidas e repetitivas em língua Tukano. Ao terceiro estrondo – este então estava quase em cima de nós – ele acendeu um charuto feito de folhas largas de parasitas e começou a soprar a fumaça em torno do nosso acampamento, repetindo as fórmulas de um modo quase histérico. Então, os estrondos começaram a ficar cada vez mais fracos, como se retornassem ao pântano. Beré abaixou a voz e continuou com sua monótona litania até o amanhecer. Eu dormitava de tempos em tempos e, ao acordar, lá estava ele em sua oração sem tréguas.

Na manhã seguinte, ele se mostrou especialmente lacônico, enquanto arrumávamos a tralha para voltar à beira do rio.

– Que foi aquilo ontem à noite, eu perguntei.

– *Boraró.*

– O que te dá tanta certeza?

– Ele sempre aparece assim, estourando dentro da escuridão.

– Como é que ele faz aquele barulho?

– Batendo nas árvores com um porrete pesado que ele tem.

– Por que é que ele veio até aqui?

– Isso aqui deve ser uma casa de caça. Você sabe, as bolas de terra alta como essa são as casas onde o *Boraró* forma a caça nova.

– Ele tá zangado com a gente?

– Claro!

– Porque eu feri uma cria dele pra nada...

– E porque ninguém deu nada em troca, pra que ele pudesse fazer outra.

– O que era aquilo que você ficou murmurando a noite toda?

– Uma reza pra mandar ele embora.

– Você poderia traduzir para o português?

Não sou capaz de reproduzir todos os detalhes dessa reza surpreendente. Apenas me lembro de seus traços gerais. Ela consiste de um refrão invariável: “Vai embora, porque nós somos gente. Gente mora em aldeia”. Depois desse refrão, vem uma fórmula preparatória, “Na aldeia tem...”, seguida de uma longa enumeração de objetos. Por exemplo, “Na aldeia, tem a maloca. A maloca é feita de esteios, paredes e teto. Há três tipos de esteios: os esteios dos homens, os esteios das famílias e os esteios das mulheres”. Então, a reza continua descrevendo o teto e as paredes da maloca. Quando a descrição da maloca termina, a reza volta à fórmula repetitiva: “Por isso vai embora, porque nós somos gente. Gente mora em aldeia. Na aldeia tem...”. Então vem sucessivamente o conjunto de objetos rituais, o conjunto dos equipamentos de pesca, de caça, de processamento da mandioca, os objetos de cozinha e assim por diante, sempre repetindo a fórmula principal: “Por isso vai embora, porque nós somos gente”.

“Caramba!”, eu disse para mim mesmo. “Lévi-Strauss acertou na mosca! Isso é um exemplo e tanto da oposição natureza-cultura. *Boraró* representa a fúria da natureza, e como a gente está em seus domínios, longe de qualquer aldeia indígena, Beré rezou para simular uma aldeia, com todos os elementos da cultura”.

O papel destacado da maloca nessa reza não é gratuito. As aldeias tradicionais dos Tukano consistem de uma única maloca,

normalmente com uns 20 m de comprimento. Cada maloca abriga um clã diferente. Os clãs se transmitem em linha paterna. Todos os homens e crianças de uma dada maloca se relacionam por meio de laços masculinos de parentesco. As mulheres casadas vêm de outras malocas (outros clãs) e as solteiras, quando casam, vão embora, morar com os maridos.

As malocas tradicionais têm sempre a mesma estrutura básica. Face à barranca do rio, está a porta dos homens. Do lado oposto, face às plantações de mandioca e à floresta, está a porta das mulheres. Entre esses dois extremos, ficam os compartimentos familiares. Os esteios que sustentam o teto são classificados segundo essa repartição do espaço interno.

O ritual Tukano mais importante é conhecido pelo nome de Jurupari. Nele, os homens adultos entram pela porta masculina, tocando flautas sagradas, que as mulheres não podem ver. Para os índios, esse ritual encena o começo do mundo, quando os vários clãs Tukano vieram até os trechos de rio que atualmente ocupam. A maloca é tão importante para esses índios, que seus mortos são nelas enterrados. Os homens, debaixo da pista de dança do ritual Jurupari; as mulheres, no piso dos compartimentos familiares.

Obviamente, a reza de Beré estava reproduzindo de alguma forma a maloca tradicional, embora ele não vivesse mais em uma delas desde a tenra infância. “Para lutar contra a criatura mais perigosa da floresta,” eu pensei, “ele tem que evocar o mais forte elemento de sua cultura, a maloca tradicional. Fazendo isso, ele manda a natureza de volta à selvageria que lhe é própria, tamanho é o poder mágico das palavras”.

Poucos metros depois de tomarmos a trilha de volta ao rio, encontramos um lugar onde as folhas mortas do chão haviam sido amassadas por algo grande e pesado.

– Uma onça passou a noite toda bem aqui. Ela ficou nos vigiando.

– Talvez a espera de restos de comida, eu respondi.

– Duvido... Isso não é uma onça que existe.

– Mas então o que é?

– Coisa ruim.

– Mas que tipo de coisa ruim, ora?

– *Boraró*.

– Eu pensei que a tua reza tinha mandado ele embora.

– Eu também. Mas ele se transformou em uma onça e voltou bem quieto. Eu não me dei conta. Aí, eu baixei a força da minha reza e quase peguei no sono. Bem esperto esse *Boraró*.

– Nem todos os *Borarós* são tão espertos?

– Ah não! Alguns são muito lesos... Mas não esse aí.

– Então, é melhor a gente empacotar a tralha e dar o fora.

– Agora você falou direito.

Eu tinha sentimentos dúbios. Às vezes, me dava a impressão de que ele temia muito o encontro com o Povo da Zarabatana. E sabendo que eu não partilhava seu medo, talvez quisesse me apavorar com essas histórias nativas de terror, para que eu desistisse da procura. Por outro lado, havia aqueles estranhos estouros da noite anterior. Eu realmente não sabia o que pensar a respeito – e, por sinal, ainda não sei.

Continuamos conversando ao longo do caminho de volta à beira do rio:

– Os dardos mágicos são a única arma do *Boraró*?, eu perguntei.

– Não. Às vezes, ele tonteia as pessoas pra sugar o sangue e os miolos delas. O que ele mais gosta são as mocinhas.

– É mesmo?

– Diz que no ano passado *Boraró* andava namorando as mocinhas das aldeias que ficam perto de Miraflores, na Colômbia. Ele se transformava em um rapaz bonito e fodia elas. Quando a mocinha começava a gozar, *Boraró* voltava à forma natural e devorava ela inteirinha.

– Ele matou muita mocinha desse jeito?

– Sim. As mulheres não iam mais à roça. As pessoas estavam morrendo de fome.

– E daí?

– E daí que eles chamaram a polícia. Polícia colombiana. A mesma que anda lutando com os guerrilheiros. Veio um grupo armado de metralhadoras. Eles encontraram o tal rapaz perto de uma roça e esvaziaram os cartuchos nele. Aí, os polícias se aproximaram do corpo, achando que ele tava morto. Mas de repente, *Boraró* virou onça enorme e sumiu urrando mato adentro.

Finalmente chegamos à margem esquerda do Marié. Verificamos se o bote estava em ordem e começamos a inspecionar a margem oposta, em busca de traços da velha trilha. De fato, ela continuava na margem oposta. “Se ela corta o curso do rio perpendicularmente e acaba em um pântano ao norte”, eu pensei, “então seu ponto de origem deve estar ao sul do rio. O Povo da Zarabatana deve estar em alguma parte naquela direção. Provavelmente eles vêm até aqui na estação seca para pescar no rio principal e capturar rãs no pântano. Isso explica o aspecto abandonado da trilha. Eles a usam somente no período seco”.

Caminhamos para o sul ao longo da trilha velha, esperando estar desta vez em um terreno alto e seco, grande o suficiente para sustentar um grupo de índios caçadores. Mas no começo da tarde, estávamos novamente face a um pântano sem fim. Isso me deixou muito confuso.

– Mas quem foram os merdas que fizeram essa trilha, cacete?, eu praguejei.

– O Povo da Zarabatana, respondeu Beré, com toda a calma do mundo.

– Pra quê, se ela vai de um pântano ao outro?

– Eu não sei. Quem sabe eles fizeram essa trilha pra enfeitar a casa do *Boraró*? Você sabe, os Maku são amigos dele.

– Mas os Maku têm medo dele, como todos os outros índios.

– Isso é verdade só pra os Maku da nossa vizinhança. A gente ensinou eles a se comportarem como gente. Foi conosco que eles

aprenderam a plantar, a fazer casa, panela de barro, tudo que é coisa de gente. Eles não aprenderam bem porque são muito teimosos. Mas pelo menos aprenderam a ficar longe dos maus espíritos da floresta. Só que o Povo da Zarabatana vive muito longe das nossas aldeias, né? A gente nunca pôde ensinar nada pra eles...

– Quer dizer que eles são meio parecidos com o *Boraró*, eu sugeri.

– Isso mesmo. Pode ser que agora eles todos já tenham virado *Boraró*.

– Como é que a gente vira *Boraró*?

– Comendo só carne... E comendo as irmãs da gente...

Os Tukano acreditam que os Maku não se comportam como gente porque preferem se casar entre habitantes das mesmas aldeias, em vez de procurarem mulheres nas aldeias vizinhas. Para os Tukano, casar-se dentro da mesma aldeia é o mesmo que se casar com a própria irmã. Sabendo disso, eu contestei:

– Mas os Maku da sua vizinhança comem as próprias irmãs. Por que eles ainda não viraram *Boraró*?

– Porque nós ensinamos eles a plantar e fazer farinha de mandioca. Eles ficaram quase parecidos com a gente.

Passamos a noite perto do novo pântano. Era muito tarde para retornar ao Marié antes da chuvarada. Na manhã seguinte, acordei me sentindo muito mal.

– Acho que eu tô com febre, disse eu. Ele se aproximou e me pôs a mão na testa.

– Sim, você tá com febre.

– Eu tive um sonho estranho.

– Me conta, disse ele.

– Sonhei que eu encontrava a minha irmã junto com duas outras garotas. Elas estavam comendo bombom. Muitos bombons. Quando eu apareci, elas riram e me provocaram, oferecendo os bombons molhados entre os lábios. Eu tinha que beijar cada uma na boca para poder comer os bombons.

– Sonho ruim, fez ele.

– Por que?

– Parece que você foi envenenado.

– Por quem?, eu perguntei, já sabendo a resposta.

– *Boraró*.

– Você acha que ele me atirou um dardo na outra noite?

– Sim.

Levamos mais de meio-dia para voltar ao nosso primeiro acampamento perto do rio. Eu estava cansado e doente. E no resto do dia, enquanto Beré pescava um pouco, meu estado foi piorando. Ao pôr do sol, comecei a vomitar e tremer como um miserável moribundo.

No dia seguinte, as coisas não melhoraram. Eu não podia levantar e caminhar, e nada do pouco que eu comia me ficava no estômago. Continuava vomitando e tremendo como um cachorro louco. Minha febre estava acima de 40° e subindo.

– Ô meu irmão, eu disse de dentro da rede. Eu acho que eu tô no fim.

– Eu acho que você tá, ele respondeu em tom casual. Aqui nessa região morre muita gente vomitando e tremendo que nem você.

Eu não estava bem de acordo com a ideia de morrer daquele jeito. Peguei meu rifle debaixo da rede. Mas ele logo adivinhou o que eu tinha em mente:

– Não faz isso, por favor!

– Me dá uma boa razão.

– As pessoas vão pensar que fui eu quem te matou.

Afastei de mim o cano da arma e disparei umas dez vezes sobre as árvores próximas, maldizendo o dia do meu nascimento.

– Bom, disse ele.

Pouco depois, improvisou uma cama dentro do bote, arrastou-me para dentro e embarcou a tralha. Era o fim da minha tola aventura. Agora estávamos definitivamente descendo o rio. Decepcionado e doente, minha reação foi me deixar morrer em silêncio.

No fim do dia, a hélice do motor se quebrou contra uma árvore submersa. Não havia maneira de evitá-lo, já que eu estava deitado e Beré permanecia na popa, controlando o leme. Era preciso que alguém ficasse na proa, vigiando árvores submersas e outros obstáculos dentro do rio.

Eu estava muito fraco para fazer mais do que levantar a cabeça e vomitar fora da borda. Encarreguei Beré de substituir a hélice quebrada. Mas o motor daquele bote era complicado demais para o pouco conhecimento que ele tinha de mecânica. Além do mais, acho que fui muito confuso em minhas explicações de como consertar os danos. Eu não podia juntar nem mesmo duas ideias para formar um raciocínio. Alternava picos de delírio e estados de completo estupor. Então, Beré decidiu remar durante o dia e deixar o bote boiar rio abaixo durante a noite, para ganhar tempo. Construí um teto de palmas sobre mim, para me proteger das tempestades e do sol equatorial.

Não sei dizer quantos dias ficamos à deriva. Eu continuava delirando e caindo naqueles medonhos estados de torpor. Lembro de uma certa rotina. O som dos remos se misturava à voz suave de Beré, murmurando rezas sem fim em língua Tukano. Cada vez que eu levantava a cabeça e vomitava fora da borda, ele se aproximava e me oferecia uma infusão onde soprava fumaça de cigarro e benzeduras curativas. Parece-me que a beberagem era feita de água do rio e ovos de tartaruga. Minha memória desses dias é feita de imagens desconexas. Mas lembro que às vezes ele encostava o punho cerrado em meu peito, sugava o ar através do punho e soprava para longe, dizendo fórmulas mágicas.

Uma noite, enquanto ele se ajeitava para deitar e dormir um pouco no espaço exíguo do meu bote, suas costas encostaram por acaso nos meus pés.

– Como os teus pés estão frios! Fez ele. – Vou esquentar para você.

Disse isso, abraçou meus pés contra o peito e dormiu.

Nessa noite, tive um sonho. Quando acordei, estava mais consciente do que de hábito. Contei o sonho de um só fôlego.

– O sol estava se pondo, eu disse.

– Nós remávamos uma canoa de índio no rio Uaupés. Você ia na proa, eu na popa. Aí, nós chegamos na maloca do seu avô, pai do seu pai. Você subiu a barranca em frente à maloca, enquanto eu fiquei na canoa, esperando um convite. Então, eu escutei uma voz vinda de dentro da maloca: “Beré, quem é esse branco que vem aí com você?”. Era a voz do seu avô. Eu entendi aquilo como um convite e subi a barranca. Quando eu cheguei no terreiro em frente à maloca, você tinha desaparecido. Entrei na maloca pela porta dos homens. Estava escuro lá dentro. Quando acostumei os olhos, percebi várias sepulturas abertas no chão. Elas estavam cheias d’água e tinha um boto dentro de cada uma. O maior boto era o seu avô.

Ele acendeu um cigarro e ficou fumando em silêncio por uns momentos. Então, começou a falar:

– Sonho verdadeiro. O boto é o símbolo do meu clã, os Buhuari Mahsa, quer dizer, Gente Aparecida. Você descobriu isso sozinho no sonho, porque você está morrendo. Por isso você foi até a casa do meu avô procurar uma alma, procurar uma vida. Vocês brancos não têm alma. Quando morrem, vocês vão para o nada, enquanto a gente vai pra casa do nosso avô, a casa do nosso clã. Você foi até lá pra achar uma alma, uma vida, porque sua vida tá se apagando. Agora eu vou te curar em nome do meu avô, que também é o meu próprio nome. O teu nome não é mais Jorge. O teu nome é... (não posso revelar). Agora você pertence ao meu povo. Agora, sim, eu sei qual é a reza que eu tenho que soprar para livrar você do veneno do *Boraró*.

E começou uma longa reza, evocando seus ancestrais masculinos, desde o avô paterno até os fundadores do clã. Depois da reza, contou-me algumas passagens de sua vida. O avô fora um *yai* (pessoa-onça, pajé importante) na região do Uaupés. Já que Beré era o neto mais velho, herdou o nome do avô, como ocorre com

frequência entre os Tukano. O velho o estava treinando para ser *yai*, mas morreu antes do menino terminar o treinamento.

– Por isso minhas rezas quase não tinham efeito em você, disse ele, desculpando-se.

– Ainda bem que você achou o caminho até o lugar do meu avô. Ele me ajudou a encontrar a reza certa.

Depois da morte do avô, o pai de Beré o levou da região do Uaupés para a boca do Marié, para trabalharem os dois sob as ordens de um comerciante branco. Logo após, o pai morreu. Beré tinha apenas 15 anos de idade. Sem parentes próximos na região, vagou de aldeia em aldeia até que finalmente se estabeleceu na última aldeia do Marié, onde tinha uma tia paterna distante. Desde então, o marido desta tia, sempre endividado com os comerciantes, obrigava-o a trabalhar para saldar as dívidas. Beré não gostava dele, mas se sentia obrigado ao trabalho, já que este homem o acolhera sem que os dois fossem do mesmo clã.

Na manhã seguinte eu não vomitava mais e a febre estava bem baixa. Finalmente pude levantar e consertar a hélice quebrada.

– Então você é um *yai*, um pajé verdadeiro, eu disse.

– Ah não, ele respondeu. Eu falo muito.

Dois dias depois, eu estava na aldeia de Beré, tomando uma deliciosa canja de galinha oferecida pela tia. O desagradável marido dela realmente não gostou de saber que Beré estava livre de dívidas. Depois da refeição, acendi um cigarro e me pus a contemplar a fumaça desaparecendo na brisa do entardecer. Notei então que Beré me observava com um sorriso amigo.

– Eu ainda te devo alguma coisa?, ele perguntou.

Levantei e dei-lhe o meu rifle.

*

Doze anos mais tarde, voltei à foz do Marié como membro da equipe da Funai, que estava reconhecendo as terras indígenas no

vale do Rio Negro para uma futura demarcação. Perguntei por Beré ao desembarcarmos em sua aldeia. Os moradores me disseram que ele ainda morava lá, mas que sumira na floresta ao perceber que eu estava chegando.

– Ele não contou que me salvou a vida?

– Não, responderam os índios, ele nunca fala muito.